

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-
Graduação em História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Cremonese, Dejalma
revolução do amor: por uma espiritualidade laica
Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em
História, vol. 18, diciembre, 2014, pp. 281-288
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305535325013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*

Dejalma Cremonese**

FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, 359 p.

O renomado filósofo francês, Luc Ferry, nos apresenta uma importante contribuição sobre as revoluções do amor-paixão e as metamorfoses do humanismo moderno. A obra que por ora se apresenta foi publicada na França, no ano de 2010, com o título *La révolution de l'amour*. No Brasil, foi publicada com o título *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*, no ano de 2012, com a tradução de Vera Lúcia dos Reis, pela editora Objetiva.

Luc Ferry é considerado um dos mais influentes intelectuais franceses em atuação. Nasceu no ano de 1951, quando jovem teve dificuldade de se socializar. Foi criado em um ambiente modesto (interiorano) onde teve uma boa formação dos pais. Seu pai de tradição gaullista foi piloto de corridas e sua mãe professora. Vivenciou a efervescência ideológica dos anos 1970-1980 e, tornou-se conhecido como intelectual depois da publicação do ensaio “Pensamento de 68” no ano de 1985. Teve uma passagem como ministro da Educação, sob o governo de Jean-Pierre Raffarin de 2002 a 2004, da qual ficou conhecido como o ministro que aboliu as burcas nos colégios públicos da França (separação entre religião e Estado). Ele define a filosofia como uma soteriologia, isto é, uma doutrina da salvação (competindo com as religiões). Em outras palavras, como vamos ver nesta obra, Luc Ferry defende uma religiosidade (espiritualidade) laica centrada humanização do divino e na revolução do amor.

* Resenha recebida em 16/12/2014. Aprovada em 23/12/2014.

** Doutor em Ciência Política pela UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil. Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFSM, Santa Maria/RS, Brasil. E-mail: dcremoisp@yahoo.com.br

Sobre a sua estruturação, o livro inicia com a introdução, seguida de três partes específicas: na parte I, com o título *Theoria*, o autor apresenta três subcapítulos que tratam da desconstrução dos valores e das autoridades tradicionais; depois apresenta argumentos sobre as duas globalizações e, por fim, discute a sacralização do humano com a invenção do casamento por amor.

Na parte II, Ferry disserta sobre a *Moral* com cinco subcapítulos que tratam da ética aristocrática dos antigos; o teológico ético tendo a moral judaico-cristã como ruptura com o universo aristocrático; em seguida, apresenta a ética republicana com a crítica da moral aristocrática, a secularização do cristianismo e o nascimento do primeiro humanismo; no penúltimo subcapítulo, Ferry trata da ética da desconstrução: o culto da autenticidade e da diferença e, por fim, encerra a parte II tratando da pós-desconstrução/descolonização, depois do surgimento do casamento por amor, o nascimento do segundo humanismo.

Na parte III, final, o autor discute o tema da *Espiritualidade* com dois subcapítulos que tratam das revoluções da filosofia com uma nova relação com a finitude humana e, a parte conclusiva, das reflexões sobre algumas consequências da revolução do amor em duas outras esferas da vida do espírito: a arte e a política. Em síntese, na parte I, Ferry trata da *Theoria* – ou análise do mundo contemporâneo –, na qual nossa existência adquire sentido. Na parte II, trata sobre a ética ou doutrina do bem e do mal, do justo e do injusto e, por fim, na parte III, a soteriologia ou doutrina da salvação, da sabedoria e da espiritualidade laica. Partimos, agora, para a apresentação e análise das principais ideias do livro *A revolução do amor*, de Luc Ferry.

Já na introdução, Ferry deixa clara a ideia que vai permear todo o livro ao apresentar a seguinte pergunta: — Por quem você estaria disposto a se sacrificar, dar a sua vida? Você morreria por Deus, pela pátria, pela revolução? E a resposta já é dada ali mesmo. Diferentemente de outras épocas, as pessoas,

hoje, não estariam mais dispostas a morrer pela pátria, por Deus ou pela revolução, mas estariam dispostos a morrer pelos seres humanos, pelas pessoas que amamos.

Pois bem, na parte (I), da *Theoria*, Ferry inicia discutindo a desconstrução dos valores das autoridades tradicionais com a *invenção da vida de boêmia*. Apresenta, inicialmente, as transformações por que o mundo passou nas últimas décadas, como o fim do campesinato, a legalização da pílula anticoncepcional (1967), o direito ao voto e a flexibilização das diferentes formas de união conjugal. Ferry discute o drama que sofriam as mulheres caso concebessem filhos antes do casamento – o famoso estigma da “mãe solteira”. Ferry discute também o novo olhar sobre a homossexualidade, caracterização que, para muitos, era considerada uma doença ou perversão.

No subcapítulo seguinte, Ferry trata das *duas globalizações ou as contradições culturais do homem de direita*. Inicia apresentando a primeira globalização, denominada de “globalização das luzes”, visto que advinda da revolução científica dos séculos XVI-XVIII e o triunfo da razão sobre as trevas da Idade Média (iluminismo). Cita Copérnico, Kepler, Galileu, Descartes, Newton, Lavoisier, Hume, Kant, Voltaire, Diderot, d’Alembert como principais representantes dessa revolução. Temos nesse momento aquilo que Max Weber denomina de “desencantamento do mundo”, que significa “o declínio das múltiplas divindades que supostamente o habitavam e lhe davam uma alma” (p. 53). É inegável que, dessas “revoluções”, a humanidade avançou nas conquistas dos direitos (civis e políticos) e na liberdade e felicidade que, daí em diante, terá como nomenclatura a palavra “progresso”. Já a segunda globalização provém, segundo Ferry, do nascimento dos mercados financeiros e do advento da internet (segunda metade do século XX). Essa segunda globalização é essencialmente competitiva, patrocinada por grandes empresas inseridas no capitalismo de mercado.

Ferry encerra a parte I discutindo *a sacralização do humano com a invenção do casamento por amor e o surgimento da segunda era do humanismo: para além de Kant e Nietzsche*. Ferry inicia discutindo a questão do casamento utilizando argumento de Philippe Ariès e sua “história das mentalidades” ou “nova história”. Nos casamentos europeus, durante a Idade Média, praticamente inexistia a questão da paixão amorosa – o sentimento. O casamento era de conveniência, “arranjado pelas famílias sem o real consentimento dos filhos” (p. 77). Ferry discorre longamente sobre o casamento, dizendo que este não tem muito a ver com o sentimento amoroso – amor paixão (eros). Podemos amar 20 vezes na vida, mas casar é uma vez só. Por ele constituímos família, sociedade, combinamos fortunas.

Na parte II, Ferry descreve o tema da *Moral* ao dissertar sobre o nascimento de um novo humanismo ou os valores do século XXI. Desenvolve a ideia das cinco grandes visões morais do mundo – cinco concepções dos valores éticos: (i) a concepção aristocrática da ética; (ii) a fundação religiosa da moral ou o “teológico-ético”; (iii) o primeiro humanismo ou a ética republicana das luzes; (iv) a ética da autenticidade, ou o novo estatuto do bem e do mal na era da desconstrução; e, por fim, (v) o segundo humanismo e os valores do século XXI.

No que se refere a primeira grande visão moral do mundo – a concepção aristocrática da ética –, Ferry desenvolve a ideia a partir da dimensão da Antiguidade grega, como sendo aquela que se fundamenta na ideia de uma ordem do mundo, de um cosmos hierarquizado e harmonioso, ordem na qual a pólis deve ser a imitação e o reflexo. Essa visão é denominada de “cosmológico-ético”, segundo a qual a moral é deduzida de determinada representação do cosmos. Aqui Ferry se ampara na filosofia grega da hierarquização (governo dos *aristoi*, melhores) e do lugar natural de cada um. Para isso, utiliza Platão, Aristóteles e a filosofia estoicista. Para Ferry, “a cidade

justa é aquela que imita o melhor possível a ordem natural, situando os mais dotados no comando e os menos talentosos no bagageiro” (p. 128). Nessa visão, o “lugar natural”, no entendimento de Aristóteles, significa “a função que lhe cabe de acordo com a sua própria natureza”.

No segundo subcapítulo da parte II Ferry trata da fundação religiosa ou o “teológico-ético” que é amparada na moral judaico-cristã, aparecendo aqui, pela primeira vez, os traços da igualdade e da liberdade modernas das quais o universo democrático europeu será herdeiro. O cristianismo, para Ferry, é a primeira moral universalista dando origem à “concepção moderna dos direitos do homem, os quais serão, basicamente, a secularização da mensagem cristã” (p. 140).

No terceiro subcapítulo, Ferry trata do primeiro humanismo ou a ética republicana das luzes situando o homem não mais no cosmos ou na divindade, mas no centro do mundo, tendo a razão como centro de todos os seus valores. Esta terceira visão de moral se baseia no humanismo moderno, nas éticas leigas e no laicismo. Cita a ideia renascentista passando pelo pensamento de Newton, Galileu e Descartes, chegando ao pensamento iluminista dos enciclopedistas. Ferry se detém por um bom tempo descrevendo a importância de Pico della Mirandola para a compreensão do humanismo moderno. Depois, Ferry desenvolve a evolução do humanismo a partir das ideias de Rousseau, de Kant e de Sartre (este já em meados do século XX).

No subcapítulo IV da parte II, ali Ferry discute a ética da desconstrução: o culto da autenticidade e da diferença. Aqui o autor denuncia todas as formas de alienação provindas da globalização do capitalismo moderno, alienação que prioriza a preocupação consigo mesmo, o hedonismo, o lúdico e o consumo como pontos centrais. Ferry acena para a importância da educação como “ensinar a aprender”, despertar a criança para

que ela seja a autora de seu percurso escolar, em vez de “encher a cabeça” com aprender “de cor” e com saberes que lhe são inculcados de fora.

No último subcapítulo da parte II, “depois da desconstrução”, Ferry apresenta inicialmente Nietzsche, Marx, Freud e Heidegger como os autores que acabaram com as ilusões da transcendência. Nietzsche, como vimos anteriormente, foi contra a felicidade futura (contra um mundo melhor), rejeitando, com toda força, a transcendência, que, sob forma de ídolo, se opõe ao real, negando inclusive esse mesmo real, declarando-o perverso e nefasto. Nietzsche foi contra todas as ideologias que prometem um futuro melhor (cristianismo, cientificismo, progressismo).

Passamos a refletir agora sobre a última parte do livro de Luc Ferry (Parte III), que leva o título de “Sabedoria dos modernos e espiritualidade laica” e é dividido em dois subcapítulo: as revoluções da filosofia – uma nova relação com a finitude humana e a conclusão – algumas consequências da revolução do amor (arte e a política).

A partir desse ponto – primeiro subcapítulo da parte III –, Ferry começa a discutir o tema da finitude do homem – uma nova relação com a morte. Para o autor, a morte é um tabu nos nossos dias na medida em que a escondemos, diferentemente do que se fazia em outros tempos. Para entender a morte precisamos da filosofia, pois a morte está ligada à condição humana. Há uma opção do autor em priorizar a explicação da morte mais pela filosofia do que pela psicologia. Há angústias que estão ligadas aos conflitos psíquicos e a angústia ligada à finitude humana; elas são diferentes entre si e não participam da mesma natureza. Para Ferry, a psicologia trata da angústia patológica, que nasce dos conflitos internos que devem ser evitadas; por outro lado, a filosofia se interessa pela angústia existencial considerada “normal”: “mesmo que tivéssemos resolvido a angústia patológica, a angústia que chamo aqui de ‘normal’ ou ‘existencial’ permaneceria intacta” (p. 252). O

sofrimento causado pela morte não pode ser tratado pelo viés da psicologia, pois a morte não tem “nada de patológico ou de médico. A morte está, ao contrário, intrinsecamente ligada à condição humana, e a psicanálise, no fundo, não tem nada a dizer a respeito” (p. 252). Para Ferry, as mitologias, a religião e a filosofia têm melhores respostas sobre a finitude.

Depois de dissertar sobre a morte, por incrível que pareça, Ferry volta ao tema do amor, do casamento por amor e do divórcio. Novamente discute o tema do amor (eros), exemplificando a antinomia entre os personagens Tristão e Don Juan. Ferry retoma a questão do amor-paixão que se alimenta da falta do outro, não da sua presença. Cita o exemplo dos amantes que, depois que se unem, têm a presença do tédio. Tristão é o apaixonado (por algo que não tem) e o Don Juan nunca se apega, pois seduz e abandona logo em seguida. Cita Rougemont e Comte-Sponville e suas diferentes concepções de amor (eros, philia e ágape). O eros é o amor que consome, o amor que se alimenta da falta do outro do que de sua presença. Já a philia (amizade) é a alegria gratuita, desinteressada, que sentimos com a simples existência do outro. A fórmula da philia seria: “Obrigado por existir”. Por fim, o amor ágape: o amor cristão, aquele que impulsiona o desinteresse e a gratuidade ao extremo, até o ponto de se tornar amor pelo inimigo.

Finalizando o livro, Luc Ferry, a título de conclusão, trata sobre algumas consequências da revolução do amor em outras duas esferas da vida do espírito: a arte e a política. Ferry defende que “a arte deve conservar um mínimo de relação com a ideia de beleza para continuar merecendo o nome” (p. 335), posição minoritária nos círculos dos críticos de arte. O modelo de beleza muda de acordo com a época. A arte grega revelava o rosto calmo e sereno das estátuas como perfeição do grande todo (ordem cósmica); na Idade Média prevaleceram as mil maneiras de expressar o divino, diferentemente da estética moderna expressando o “puramente humano”,

representando cenas do cotidiano, os momentos banais da vida com seres desconhecidos.

Como último ponto, Ferry trata do amor na esfera política e apresenta os avanços da nossa era e, em certo sentido, sai em defesa do capitalismo (economia de mercado), e dos valores ocidentais: individualismo, liberdade e prosperidade, a preocupação com os filhos, exigência de um estado de bem-estar. Por outro lado, tem a preocupação com a sustentabilidade do planeta: “que mundo queremos nós, adultos, deixar para nossos filhos?” (p. 354).

Por fim, analiso que muitas ideias que Luc Ferry apresentou em sua obra são pertinentes em nossos dias. É visível a sua defesa por um humanismo secular, pois, de certa maneira se opondo à religião tradicional, opta pela razão crítica, em vez de utilizar a fé na busca de respostas para questões humanas mais importantes. Recomenda-se a leitura dessa obra.